



# **DAS FIGURAS DA MEMÓRIA QUE NÃO EMBRANQUECERAM NA *ÁGUA DE BARRELA*: UMA ANÁLISE DO ROMANCE HISTÓRICO DE ELIANA ALVES CRUZ**

**OF THE FIGURES OF MEMORY THAT DID NOT WHITEN IN *ÁGUA DE  
BARRELA*: AN ANALYSIS OF THE HISTORICAL NOVEL BY ELIANE  
ALVES CRUZ**

**Nayane Larissa Vieira  
Pinheiro\***

\* [nayanelarissapineiro@gmail.com](mailto:nayanelarissapineiro@gmail.com)  
Mestra em Literatura e Cultura pela Universidade Estadual do Piauí  
(Teresina - Piauí).

**Luciana Lis de Souza e  
Santos\*\***

\*\* [lis-luciana@hotmail.com](mailto:lis-luciana@hotmail.com)  
Mestra em Literatura e Cultura pela Universidade Estadual do Piauí  
(Teresina - Piauí).

**RESUMO:** Este trabalho analisa o romance *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz, a partir do viés memorialista e histórico. No romance, memória histórica e ficção se entremeiam por tratar-se de uma ficção sobre a família de Eliana Alves Cruz, em uma pesquisa de desenvolvida pela própria para reconstruir sua árvore genealógica. O enredo tem início com os personagens Akin Sangokule e sua cunhada grávida Ewà Oluwa, sequestrados do continente africano para serem escravizados nas terras brasileiras, na região da cidade de Cachoeira, na Bahia. Ewà gera Anolina, a primeira de muitas mulheres lavadeiras da família, que garantem nesse trabalho subalterno a vida das suas gerações futuras. Assim, a narrativa prossegue contando a história de cada geração dos personagens. Este artigo fundamenta-se nas teorias de Ricoeur (2007), Le Goff (1996), Duarte (2014), Halbwachs (2006), Bâ Hampâté (2010) e Evaristo (2017), dentre outros, conectando teorias próprias do campo da Memória e da Literatura Afro-Brasileira. Parte-se da relação entre memória e ancestralidade para compor a análise, principalmente a partir das recordações dos personagens, a exemplo, as lembranças de Damiana, tia Nunu, Akin Sangokule e Martha, bem como o simbolismo de objetos afro-brasileiros, tais como, o berimbau, o atabaque, os fios de contas, usados atualmente pelo povo de santo, pertencentes às religiões de matrizes africanas no Brasil, dentre outros objetos portadores de memória afro-diaspórica. Portanto, considera-se que a obra *Água de Barrela* se constitui em uma narrativa combativa por quebrar paradigmas do discurso da história oficial, quando evidencia, por meio da ficção, a memória de antepassados (confirmada por dados históricos) e subverte a ideia de passividade dos povos afro-diaspóricos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Água de Barrela*; Memória; Literatura Afro-brasileira.

**ABSTRACT:** This work analyzes the novel *Água de Barrela* by Eliana Alves Cruz, from a memorialist and historic point of view. In the novel, historical memory and fiction are intertwined because it is a fiction about the family of Eliana Alves Cruz, in a search developed by herself to reconstruct her family tree. The plot begins with the characters Akin Sangokule and his pregnant sister-in-law Ewà Oluwa, kidnapped from the African continent to be enslaved in Brazilian lands, in the region of the city of Cachoeira, in Bahia. Ewà begets Anolina, the first of many female laundresses in the family, who guarantee the lives of their future generations in this subaltern work. Thus, the narrative proceeds by telling the story of each generation of the characters. This article is based on the theories of Ricoeur (2007), Le Goff (1996), Duarte (2014), Halbwachs (2006), Bâ Hampâté (2010) and Evaristo (2017), among others, connecting theories of the field of Memory and Afro-Brazilian Literature. It starts with the relationship between memory and ancestry to compose the analysis, mainly from the memories of the characters, for example, the recollections of Damiana, aunt Nunu, Akin Sangokule and Martha, as well as the symbolism of Afro-Brazilian objects, such as , the berimbau, the atabaque, the strings of beads, currently used by the “povo de santo” (in English, saint’s people; candomblé followers community), belonging to the African-Derived religions in Brazil, among other objects that carry Afro-diasporic memory. Therefore, it is considered that the work *Água de Barrela* constitutes a combative narrative for breaking paradigms of the discourse of official History, when it evidences, through fiction, the memory of ancestors (confirmed by historical data) and subverts the idea of passivity of Afro-diasporic peoples.

**KEYWORDS:** *Água de Barrela*; Memory; Afro-Brazilian Literature.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O homem carrega consigo um material subjetivo incensurável e intransferível: a memória. Segundo Jacques Le Goff (1996, p. 423), “[...] a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas [...]”. Nela, há uma relação íntima com o ser, mutações, realocações, valores e devires, sempre remetendo a uma nova experiência a cada vez que o sujeito é submetido involuntariamente ou convidado a trazer de volta suas lembranças. Falar daquilo que está guardado no campo da memória é tratar da matéria que contribui para a formação da identidade, permeia a existência humana e molda a consciência do indivíduo, que faz do seu orbe interior algo singular.

A memória individual, ainda que tenha o caráter de particularidade, possui parâmetros de referência constituídos na inserção do indivíduo em um grupo, uma comunidade para a qual convergem conceitos identitários. Como afirma Maurice Halbwachs (2006, p. 30): “[...] nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós”.

Já que mencionamos a importância da memória e sua influência em fatores como identidade, padrões coletivos e de conservação cultural, cumpre afirmar que as narrativas literárias de memórias de pessoas negras, provenientes da diáspora, são urgentes e insurgentes. Portanto, no painel da literatura brasileira, “[...] é necessário questionar se as realidades e perspectivas apresentadas nas obras literárias são familiares à boa parte da população” (CUNHA, 2017, p. 8). A memória da população afrodiáspórica, expressa na literatura brasileira, tece ficção e histórias que possibilitam a representação de novos mundos, um movimento radical contra o racismo e em favor da construção do futuro, recolhendo as vozes ancestrais.

Legitimar vozes de autoria afro-brasileira no campo da literatura é uma forma de expandir saberes, histórias, de articular narrativas do passado rumo a um futuro pretendido, pois, como afirma a escritora norte-americana Toni Morrison (2019, p 61-62):

[...] a linguagem, a imagem e a experiência (dizer, escutar, ler) pode incentivar a eliminação [...] das distâncias de cultura [...], sejam elas invenção social ou biológica [...] ao provocar a linguagem ou eclipsá-la, uma imagem pode determinar não apenas o que sabemos e sentimos, mas também o que acreditamos

que vale a pena saber sobre o que sentimos. Esses dois deuses, linguagem e imagem, alimentam e formam a experiência.

Trazemos essa afirmação de Morrison para corroborar a ideia de que a literatura e a memória, escritas a partir de vivências e experiências afrodiáspóricas, propõem a compreensão de experiências humanas que nenhum outro documento pode apresentar. A linguagem literária de escritores(as) negros(as) ressoa em vozes sociais silenciadas ao longo do processo histórico, pois como diz bell hooks (1995), a literatura não se separa da vida e as representações sociais não se separam daquilo que somos, do que queremos ser e daquilo que queremos que sejamos.

Neste ponto, é necessário criticar os currículos de literatura canônicos das universidades, em que a primazia das disciplinas, seus conceitos e teorias são brancos, masculinos e eurocêntricos. Nós precisamos avaliar a história da população negra rompendo as correntes do século quinze, porque estamos falando de um povo que edificou cidades, de um povo que construiu a matemática, de um povo que construiu arquitetura, de um povo que tinha um sistema de pensamento filosófico e que ainda permanece, mesmo com a tentativa de cerceamento colonial. A academia necessita libertar-se da dependência cultural e conceitual oriunda do norte global, porque ela

não conta a história e a memória afro-diaspórica, o que é resquício da colonialidade, conforme pontua Katiúscia Ribeiro Pontes (2017, p. 14) “a ideologia ocidental que diluiu a essência das culturas e a história do povo negro, essa aculturação fundamenta o racismo e nega qualquer possibilidade de diálogo que possa devolver aos negros seu protagonismo histórico”.

Por que, é comum, quando estudamos memória refletirmos sobre os vestígios e traumas da segunda guerra mundial, mas não vemos também a escravidão? Por que estudamos sobre a ditadura militar no Brasil, mas a academia é omissa sobre a instituição mais longeva do Brasil, a escravidão, que perdurou por mais de 300 anos, e que ainda hoje deixa marcas profundas individualmente, a partir da memória coletiva? De acordo com Eduardo de Assis Duarte, refletindo sobre a literatura afro-brasileira (2014, p.30),

é o resgate da história dos negros no Brasil. Nesses textos em que se recuperam personagens e momentos da trajetória negra no Brasil há uma subversão do discurso historiográfico oficial que trabalha pelo apagamento de toda história, cultura e civilização existentes para aquém ou além dos limites da sociedade branca dominante (DUARTE, 2014, p. 30).

Portanto, a omissão da memória afro-brasileira na literatura e no ensino de literatura, mesmo com o advento da lei 10.639/2003, ainda está em curso, bem como o processo de exclusão institucionalizada que omite as memórias e experiências de populações afro-diásporas, não considerando seus conhecimentos no momento de interpretar, narrar, construir conceitos e teorias sociais sobre as humanidades. Essa é uma forma de perpetuar a estrutura racista.

A universidade é uma instância de poder institucional das mais importantes, portanto, é imprescindível que as experiências de povos negros sejam levadas em conta para a produção de conhecimento e de ciência. Se a literatura e a academia só representam as pessoas negras a partir do ponto de vista da subalternidade, ou mesmo omite a sua História, seus saberes, suas culturas e sua intelectualidade, nitidamente temos a História e a memória de apenas um Brasil, de um Brasil branco; O que temos é uma imensa lacuna sobre heranças culturais e referências literárias de pessoas negras.

Para subverter essa ordem de apagamento imposta, trazemos as palavras de coragem de Eliana Alves Cruz, em *Água de Barrela*:

Não queremos mais aquilo que embranquece a negra  
maneira de ser  
Não queremos mais o lento e constante apagamento da cor  
de terra  
Molhada, suada, encantada...  
Queremos os remendos dos panos, nas tramas dos anos  
sofridos, amados...  
E acima de tudo,  
apaixonadamente vivos. (CRUZ, 2018, p. 11).

Ler a literatura afro-brasileira é, portanto, estudar textos que relatam a vida e o cotidiano do negro, a sua luta e a sua influência na construção histórica e cultural da nação. Para Paul Ricoeur (2007), existe a “justa memória”, os vestígios entre memória e esquecimento. Segundo ele, o “[...] dever do esquecimento [é] uma ação comandada por detentores de poder em uma sociedade, que institucionalizam o esquecimento de determinados fatos e situações para manter-se no poder” (RICOEUR, 2007 *apud* BERND, 2013, p. 37). Assim, precisamos fazer e pensar a partir de outra narrativa. Falar a partir das nossas realidades e subjetividades. Nessa perspectiva, nos debruçaremos sobre obra proposta.

Eliana Alves Cruz é uma jornalista e uma grande escritora da literatura contemporânea brasileira, a qual tem

gado relevo, em suas obras, à história e ressignificação da memória cultural e social da população afro-brasileira. Participou da coletânea *Cadernos Negros 39* (poesias) e 40 (contos), do *Quilombhoje literatura*. Sua primeira obra de contos, *A vestida: contos* (2022), lhe rendeu o 64º Prêmio Jabuti. Escreveu os romances *O crime do cais do Valongo* (2018); *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020); *Solitária* (2022) e *Água de Barrela* (2016), publicado originalmente em 2005, sobre o qual este artigo objetiva analisar, narrativa criada a partir de uma pesquisa feita ao longo de cinco anos e que culmina em um enredo rico e vigoroso, representativo da memória ancestral, de saberes, religiões e modos de vida oriundos dos antepassados que estão expressos por meio das memórias. A obra é resultado de cinco anos de pesquisa sobre reconstrução da árvore genealógica de Eliana Alves Cruz. Em 2015, o livro foi selecionado em primeiro lugar no Prêmio Oliveira Silveira, concurso promovido pela Fundação Cultural Palmares, que o publicou no ano seguinte.

#### **ÁGUA DE BARRELA OU SEM MEMÓRIA, NÃO HÁ JUSTIÇA**

O enredo de *Água de Barrela* é baseado na história dos ancestrais da protagonista. Há um jogo entre ficção e realidade, visto que a narrativa se fundamenta na história da família da própria escritora, narrando os horrores da

escravização de pessoas negras, o abandono e a falta de equidade desde o pós-abolição, e também as lutas e as maneiras de resistir. No capítulo “Sobre como este livro aconteceu”, Cruz conta que sempre sentiu muita curiosidade sobre a história de sua família, e acabou estimulando sua Tia Nunu para que contasse sobre o que viu e viveu em quase um século de vida, até que

Ao longo de muito tempo conquistando sua confiança, abriu-se o baú de tia Nunu [...] eu anotava tudo o que podia e partia para pesquisar. Todas as informações conferiam com registros históricos, com as descrições dos locais, com informações de residentes e amigos que são competentes pesquisadores. (CRUZ, 2018, p. 309).

Dona Nunu, fora da ficção, é tia-avó de Eliana Alves Cruz, e sofre com esquizofrenia, portanto, suas falas não tinham credibilidade para outras pessoas. No entanto, Cruz percebe que a tia-avó é um acervo precioso de memórias históricas e passa a confirmar suas descrições com documentos oficiais e registros de locais. Como a narrativa de *Água de Barrela* parte das experiências contadas por Tia Nunu, temos vestígios de memória e ficção. Uma estética tecida a partir de lembranças que escapam e que jogam luz em imagens, pessoas, ações e rastros que foram institucionalmente silenciados, mas que emergem

abruptamente por meio do literário. Como afirma Bruna Fernandes Cunha (2017, p. 48):

Os poetas e a ficção têm papel de destaque nessa relação, pois os poetas são considerados especialistas na combinação entre memória e imaginação, e a ficção encena recordação (coletiva) como atualidade fingida, traz de volta ao presente o passado (partilhado), como que com uma varinha de condão [...] reemergem ficcionalmente pelas mãos de poetas cuja prática artística baseia-se na atenção e na recuperação de rastro.

O título do romance dá-se em referência às mulheres da obra, que durante trezentos anos desempenham a função de cuidar das roupas dos senhores e senhoras brancos, lugar forçosamente ocupado por mulheres escravizadas e, posteriormente, empregadas domésticas, considerando que, no período pós-abolição, não houve medidas de restituição para integralizar as pessoas ex-escravizadas, conferindo-lhes o desempenho secular de trabalhos subalternos. O enredo tem início na comemoração do centenário de Damiana, rodeada por muitas pessoas, em que a personagem rememora o período em que foi lavadeira:

Aqueles moços e moças que ali estavam certamente nunca tinham visto uma barrela – aquela água com cinzas de madeira que se colocava na rouparia para branqueá-la. Agora tudo é na

máquina, batido com sabão em pó e ponto final. Antigamente lavar roupa era um longo processo artesanal. Primeiro se esfregava e batia-se bem; depois era colocar um pouco no molho da água de barrela, enxaguar mais e pôr no sol para quorar. Quando os panos secavam, entrava em ação o pesado ferro de engomar, que deslizava em cima do tecido com algumas gotas de água de cheiro. Vinco por vinco. Gola por gola. Pronto. Tudo perfumado. Tudo branco. (CRUZ, 2018, p. 15)

A memória é o fio que conduz todo o tecido desse romance. A memória que não foi embranquecida na água de barrela e no tempo como queriam os senhores brancos: “No fundo, ela achava que o que se queria mesmo era que tudo fosse mergulhado nessa água que branqueia: As roupas, as vidas, as pessoas... Todos mergulhados na água de barrela” (CRUZ, 2018, p. 15). Tia Nunu, a pessoa que conta tudo para Eliana Alves Cruz, na realidade, recebe, na ficção, o papel de narradora e recorda o que passou, por meio de suas memórias, dando relevo a episódios e a contextos cruciais da história dos negros no Brasil desde o sequestro colonial no período das Grandes Navegações até a contemporaneidade.

Na narrativa, emerge o empenho da autora em destacar as origens africanas, suas culturas, bem como é evidenciado o esforço da colonialidade para apagar essa

história, processo iniciado a partir da mudança de nomes dos escravizados, de modo a desvincular, violentamente, o indivíduo de sua raiz e de sua família, como evidencia o capítulo “Ferro em brasa na memória”, na passagem: “Firmino, na verdade, Akin Sangokule” (CRUZ, 2018, p. 19). A narradora explica o processo, mais adiante, no capítulo “Uma canção para o novo mundo”:

Um homem vestido de preto a quem chamavam de “padre” foi passando a fila em revista e molhando cada um com a água que pegava dentro de uma pequena cabeça prateada, ele dizia palavras estranhas e, pelo que entenderam, estava lhes dando novos nomes. Atrás do homem de negro, vinha outro que parecia um assistente [...] O rapazola cochichou algo no ouvido do padre. Este sorriu e decretou: “Firmino”. Só muitos anos mais tarde, também por um padre, saberia que o nome vem do latim e significa “firme, constante, vigoroso”. (CRUZ, 2018, p. 27).

Nosso nome nos diferencia de outros indivíduos, de qualquer outro ser humano. Contudo, esse mesmo nome nos conecta a outras pessoas, no caso, os negros em diáspora estavam inseridos, antes do sequestro e da chegada ao Brasil, a um contexto de pertencimentos sociais e culturais previamente construídos. O ato de renomear um indivíduo no contexto escravagista demonstra a objetificação desse ser, que era tratado como uma propriedade

dos colonialistas. É válido ressaltar também a fundamentação cristã no ato de novo batismo, visto que a renomeação é feita através de um padre, como um modo de mostrar um renascimento do escravizado que deveria, no imaginário colonial, assimilar os valores impostos pela catequização e olvidar os seus valores originários. Para Conceição Evaristo (2008, p. 9):

Na história da diáspora, podem-se ler reminiscências da história “ideológica” das culturas africanas: na cosmogonia negra, na procura deliberada de um passado ancestral, na valorização e no esforço de construção de heróis negros, na relação intra-diáspora (a memória de vários irmãos juntos pode reconstruir melhor a imagem da mãe), na nomeação dos filhos com nomes africanos - ato de reapropriação do nome próprio que os africanos e as africanas perderam ao ganhar um nome cristão dado pelo colonizador.

Apesar do batismo forçado, Akin e Ewá Oluwa, parentes oriundos do grande Reino de Oió, no Daomé, afirmam o pacto de não deixarem de usar seus nomes de nascimento entre si, para que não se perdessem de seus ancestrais e de suas raízes étnicas: “Akin olhou para Ewá Oluwa e soletrou para ela, sem emitir som, o próprio nome, e ela, na fila das mulheres, fez a mesma coisa. Assim firmaram um pacto de que não usariam outros nomes entre eles.”

(CRUZ, 2018, p. 27) Assim, *Água de Barrela* traz uma escrita que não se limita à visão pacífica do indivíduo negro, e que exalta as suas culturas e tradições para manter suas histórias vivas e que, nesse romance, se manifesta primordialmente por meio da oralidade, conforme mostra este diálogo entre Tia Nunu e sua interlocutora:

A janela do pequeno apartamento tremia. Dona Anolina, a tia Nunu, embora nada enxergasse, sentada na cama, olhava na direção do céu, que de cinza ia passando a negro.

– Vai chover muito... Estou aqui olhando os trovões, escutando os raios e lembrando a história que mãe me contou. Nela tinha uma peleja igual a essa, igual a essa briga que eu vejo e do raio que eu escuto. (CRUZ, 2018, p. 17).

A memória e a oralidade se articulam em torno da manutenção de tradições afrorreligiosas, de modo que os *orixás* (orixás), divindades do panteão iorubá, são invocados em diversos recortes da narrativa, tal como ocorre nesse excerto em que a memória da personagem Tia Nunu evoca, por meio dos trovões e dos raios, elementos vinculados às divindades guerreiras da justiça, o orixá Xangô<sup>1</sup>, e a yabá<sup>2</sup> Oyá<sup>3</sup>. É importante destacar que Xangô é o orixá regente da família que descende de Olufemi e Ayoola, e, portanto, é privilegiado ao longo da narrativa, sobretudo

nos capítulos que se referem ao personagem Akin Sangokule (Firmino), que, a todo momento, traz memórias da África e do trajeto para o Brasil, e assim, guerreia em seus caminhos em busca de justiça para o seu povo, rebelando-se contra o sistema colonial. No capítulo “Raios no céu, tormenta na Terra”, vemos a rememoração da jornada de Akin Sangoule (Firmino):

Na folga daquela semana, Firmino não foi pescar. No meio do mato, recolhido do mundo, ajoelhado e de olhos fechados, ele retornou mentalmente ao navio que o trouxera àquele lugar. Lembrou o corpo falecido e podre acorrentado ao seu. Podia sentir seu peso, seu cheiro... e agora, se olhasse do outro lado, havia outro cadáver: o de Roberto. Pensava em ceder aos chamamentos de uma velha companheira que desde aquele tempo volta e meia tentava seduzi-lo para partir deste mundo em sua companhia. (CRUZ, 2018, p. 106)

Podemos observar a introspecção do personagem, recolhido e ajoelhado, ao recordar sua trajetória durante o sequestro colonial, lembrando do corpo escravizado morto ao seu lado em estado de putrefação no navio negreiro, ao ponto de sentir o peso e o cheiro daquele corpo, de forma que o personagem cogita cometer suicídio, como é mostrado de maneira metaforizada pela “velha companheira”, a morte. Nesse cenário, o fator que ativa a memória do

1. Xangô (*Sàngó*) é o senhor dos trovões. (LOPES, 2011, p. 1473)
2. Aiabá (*iyààgba*) é o termo proveniente do yorubá utilizado para se referir aos orixás femininos. (PRANDI, 2001, p. 564)
3. Iansã (*Oyá*) é a senhora dos ventos e das tempestades (LOPES, 2011, p. 1.076)

personagem é uma dor vivenciada no presente que está em paralelo com a dor sentida num momento anterior. A memória de Akin é alavancada ao ser informado por um capataz que o seu filho Roberto, sobre quem não recebia notícias há certo tempo, havia morrido em decorrência dos castigos dos senhores.

Maurice Halbwachs (2006, p. 57) afirma que “[...] em cada consciência individual as imagens e os pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos se sucedem segundo uma ordem nova e que, neste sentido, cada um de nós tem uma história”. Tendo em vista essa perspectiva, compreendemos que a memória coletiva é tracejada a partir da subjetividade das personagens e das suas narrativas particulares em *Água de Barrela*, num diálogo constante entre individualidade e coletividade. No caso de Akin (Firmino), são as dores do sequestro colonial que marcam as suas recordações e constituem a sua história: “Firmino não fazia concessões para nada e alimentava sistematicamente a revolta que o acompanhou desde a África, quando foi capturado e embarcado, até aquele momento. Reconstituía cada detalhe em relatos, sonhos e pesadelos.” (CRUZ, 2018, p. 108).

O personagem guerreiro, como representação de Xangô, travava uma luta não só contra o sistema, mas contra a

sua própria *psiquê*, sublinhada por sentimentos de dor e busca por justiça. As recordações do personagem ocorreriam por meio da relação com o inconsciente em sonhos e pesadelos, mostrando as feridas na *psiquê* de Akin (Firmino). Uma certa recordação resulta em um ato de justiça contra o capataz do engenho, Moreno:

Foi com a recordação de toda a sua história, da africana Iseyin até ali, que os facões se cruzaram em pleno ar, em setembro de 1888. [...] Todas aquelas cenas lhe passavam rápidas na mente e não deixavam pensar em nada que não fosse matar aquele capataz. Cerrava os olhos e podia ouvir o peito batendo no ritmo dos atabaques e do berimbau dos angolas que lhe ensinaram capoeira soando em sua cabeça, em sua memória, em sua alma. (CRUZ, 2018, p. 106).

Nesse fragmento, a memória é o centro da ação do personagem, como uma tentativa de reparação histórica, e há também a relação de rememoração com a ancestralidade marcada pelos elementos de afrorreligiosidade (atabaques e berimbau). No decorrer da narrativa, um objeto afrorreligioso de grande importância é o fio de contas de Xangô, usado por Akin (Firmino), e passado para os descendentes, de tal modo que esse objeto sagrado compõe o conjunto de fotografias que finalizam a obra. Os ilekês ou

4. Ilekês, do iorubá *ilekês*, são colares sagrados (LOPES, 2011, p. 709).

fios de contas<sup>4</sup> se constituem como objetos que carregam a memória afro-brasileira.

Halbwachs (2006, p. 55) pontua: “Reconhecer por imagens, ao contrário, é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, é reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos.” Assim, entendemos que os objetos de seus ancestrais que os personagens carregam consigo possuem um valor sacro e funcionam como guardiães da memória afrodiaspórica. O pesquisador Luciano Souza, em sua tese de doutoramento intitulada *Os colares sagrados da memória: tradição, axé e identidade no candomblé de matriz africana iorubá*, analisa os fundamentos no simbolismo dos fios de contas de cada orixá e a sua relação com a memória:

Os colares sagrados são portadores de múltiplos significados, muitas vezes ecoam de suas estruturas, pois participam de um sistema em que cada objeto tem função, finalidade e representação em relação ao sagrado, porque são ritualizados. Assim, a dimensão simbólico religiosa desses colares caracteriza e condiciona a relação entre os sujeitos e o seu grupo social e vice-versa, marcando, assim, as interfaces entre religião de

matriz africana iorubá, memória, tradição, magia e identidade. (SOUZA, 2019, p. 27).

Ainda na perspectiva de Souza (2019, p. 206): “Os ilequés são metáforas que revelam a história, a mitologia e a cultura de um povo, esfacelado pelo tráfico de escravos, mas reconstituído, como um colar, conta por conta, enfiadas no fio da ancestralidade que liga África e Brasil [...]”. Ao longo da história narrada, observamos a luta das personagens pela preservação de sua memória e tradição, apesar da cruel imposição do colonialismo. Através da oralidade, há a passagem de ensinamentos entre as gerações. Essa memória oral possui papel preponderante como meio pelo qual são preservadas e difundidas as histórias africanas. Nesse viés, o romance é embalado por cânticos iorubás entremeados aos acontecimentos do romance:

A dupé ni m̀n oba e kú ale  
A dupé ni m̀n oba e kú ale  
Ó wá, wá nilé  
A dupé ni m̀n oba e kú al (CRUZ, 2018, p. 167).

Esta canção em reverência ao orixá Xangô traduz-se como: “Nós agradecemos por conhecer o rei. Boa noite a Vossa Majestade. Ele veio, está na terra.” (CRUZ, 2018, p.

167). O personagem Akin Sangokule (Firmino), no capítulo “Uma canção no novo mundo” (CRUZ, 2018, p. 27), ao desembarcar do navio, reverencia o orixá de sua família: “Quando pisou na areia da Praia, Firmino sentiu uma energia forte. Agarrou-se com o fio de contas, fechou os olhos e falou em voz muito baixa: “-Xangô é rei, está pisando aqui comigo e cedo ou tarde a justiça se fará”. (CRUZ, 2018, p. 29). As cantigas dos orixás são essenciais para os cultos das religiões de matrizes africanas no Brasil ensinadas oralmente pelos irmãos mais velhos, já iniciados na religião, aos mais novos.

Hampâté Bâ (2010), em *A tradição viva*, trata deste papel primordial da memória oral:

O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 181).

Desse modo, a tessitura narrativa de *Água de Barrela* origina-se da herança africana em que a memória é conservada por meio da oralidade, tal como ocorre com a escrita do romance que foi traçado a partir das memórias de

Tia Nunu. Evaristo discute a importância dessa tradição oral e sua relação com a herança diaspórica:

Essa prática social, responsável por soldar gerações diversas dentro e fora da África, acompanhará o homem africano na diáspora, onde o gesto de contador de histórias será repetido no novo território. Considerar a memória e a oralidade como fontes incapazes ou extremamente frágeis para o registro da história é ignorar o fato de que as sociedades sem escrita são capazes de organizar sistemas e modos de vida com estruturas muitas vezes bastante complexas, e que a construção e a transmissão desse saber são sustentadas por esses dois fenômenos. (EVARISTO, 2008, p. 7).

Esse prosseguimento da tradição oral é consonante com a busca pela manutenção da história afro-brasileira. Assim, relacionamos a perspectiva ancestral de *Água de Barrela* com o ideograma sankofa, símbolo componente do conjunto *adinkra* dos povos Akan<sup>5</sup>, que representa o pensamento de revisitação e compreensão do passado para a construção do presente e do futuro. O sistema *adinkra* tornou-se mais amplamente difundido no Brasil pelo teórico Abdias Nascimento e pela teórica Elisa Larkin Nascimento, através do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO)<sup>6</sup>. O ideograma sankofa é representado em dois formatos: duas partes de um coração

5. “Denominação sob a qual se agrupam vários grupos étnicos localizados nas atuais repúblicas de Gana, Togo, Costa do Marfim e Guiné-Conacri. [...] Possuidores de rica tradição oral, expressa em canções, poemas e contos” (LOPES, p. 76, 2011).

6. Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/>>.

que se unem e suas pontas exibem contornos circulares ou um pássaro que olha para trás e seu provérbio significa: “voltar e apanhar de novo aquilo que ficou para trás”. (NASCIMENTO, 2008, p. 31).

O pensamento simbolizado no ideograma sankofa pode ser considerado um espelho da busca pela reconstrução da memória a partir de sua filosofia de retorno ao passado para a compreensão e a mudança no presente e no futuro. Segundo Elisa Larkin Nascimento, em *A matriz africana no mundo*, o conjunto de ideogramas dos povos Akan possui “um significado complexo, representado por ditames ou fabulas que expressam conceitos filosóficos.” (NASCIMENTO, 2008, p. 31).

Desse modo, compreendemos que o valor filosófico originário do conjunto adinkra, que são difundidos tanto graficamente quanto em formas de provérbios orais, em específico no que diz respeito ao simbolismo sankofa, dialoga profundamente com a busca por uma reconstrução da memória afro-brasileira no romance histórico *Água de Barrela*, que não limita as relações entre Brasil e países africanos ao período escravagista, mas constrói uma memória ancestral viva, que se manifesta em um processo de ressignificação contra-discursiva.

Desse modo, esta *oralitura* (MARTINS, 2003) contribui para contar a história dos negros em diáspora, valorizando as sabenças dos ancestrais que antecederam àqueles que podem contar as suas memórias, negligenciadas no discurso da História Oficial e no cânone literário. A respeito do interesse colonialista na aniquilação da memória dos povos africanos, Evaristo afirma:

Tentar apagar a memória coletiva de um povo é querer impossibilitá-lo de apoderar-se de sua história, é desejar torná-lo vazio, torná-lo realmente sem história. A luta de um povo para conservar, para retomar a sua memória confunde-se com a luta pela sua emancipação, pela sua auto-determinação (EVARISTO, 2008, p. 8).

Apesar das duras imposições coloniais e da tentativa de apagamento da identidade dos negros vítimas do sequestro colonial, as personagens buscam manter vivas as tradições africanas como forma de reverenciar a memória dos mais velhos ou dos que já partiram, e de não anulação do seu próprio passado, dos valores filosóficos, socioculturais e religiosos, como vemos no capítulo “*O Rio de Janeiro e as bodas em cacos*” (CRUZ, 2018, p. 275), em que a personagem Martha recorda as lembranças de sua trajetória e tudo o que vivera até ali, trazendo à tona

a sua relação com irmãs do candomblé, as partilhas e as confraternizações:

Aquele ano de 1938 estava sendo de nostalgias e recordações para Martha. Fazer aquele recorrido a tanta gente estava mexendo com ela. Uma volta involuntária ao passado. Começou com a partida, logo nos primeiros dias de janeiro, de mãe Aninha. Nunca esqueceria o auxílio que ela e suas filhas de santo lhe deram nos primeiros tempos em Salvador. Recordava cada detalhe das festas, dos conselhos, da delicadeza e cuidado com o que foi tratada. (CRUZ, 2018, p. 276).

As lembranças de Martha constituem-se a partir da percepção subjetiva da própria personagem, mas que abrange a coletividade, como as recordações do personagem Akin (Firmino). De acordo com Halbwachs (2006), a memória, ainda que seja individual, constitui-se a partir de uma noção comum para nós e para os outros. Nesse sentido, corroboramos o estudioso, ao afirmar que “[...] qualquer recordação de uma série de lembranças que se refere ao mundo exterior é explicada pelas leis da percepção coletiva.” (HALBWACHS, 2006, p. 62).

O enredo encerra-se no último diálogo com Tia Nunu, no qual expressa o fio da memória coletiva que foi constituído primariamente entre as personagens mulheres:

– Mas tia, me conte mais!

– Calma, filha. Sempre que você vier aqui, me pergunte alguma coisa. Às vezes você sai e eu me lembro de tudo. A cada dia que você me pergunta vou me lembrando... Quem me contou tudo foi minha mãe, foi minha avó, minha bisavó... Eu? Eu era apenas uma menina... Só uma menina... (CRUZ, 2018, p. 305).

À luz de Halbwachs, acreditamos que a reconstrução da memória é feita a partir de “[...] dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.” (HALBWACHS, 2006, p. 39). Consideramos, então, que as linhas que traçam os fios do romance são entrelaçadas nesta tríade: memória, oralidade e afrorreligiosidade, em articulação com a subjetividade das personagens em um curso da memória individual situada na memória coletiva.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, analisamos a obra *Água de Barrela*, da escritora Eliana Alves Cruz, a partir dos pressupostos da memória e da história afro-brasileira, que se articulam numa perspectiva ancestral. Discutimos como ocorre no

romance o entrelaçamento entre a memória, a história e a cultura afro-brasileira e como se dá o diálogo entre a subjetividade das personagens e a construção da memória coletiva, com base nas recordações das personagens e nos símbolos culturais africanos que se vinculam às lembranças, tais como: as entidades religiosas do panteão iorubá, os *ilequês* (colares sagrados), os atabaques, o berimbau, dentre outros elementos que, vindos de nações do continente africano, passam a protagonizar a cultura afro-brasileira.

Constatamos que as personagens expressam sentimentos de saudade da sua terra originária e dos seus antepassados, mostrando profundo desejo de retorno em suas recordações, além de demonstrarem um forte anseio por justiça contra as situações às quais são submetidas.

Desse modo, a valorização da memória afro-brasileira se dá por meio de uma contraposição discursiva em que a narração ocorre na perspectiva dos povos colonizados, que podem afirmar a identidade negra a partir de suas próprias raízes, além de corroborar a tendência da literatura afro-brasileira de constituir seu tecido a partir da resignificação das memórias e da ancestralidade de povos afrodiaspóricos.

Revela-se, portanto, em *Água de Barrela*, a legitimidade da memória transmitida por meio de narrativas orais, de geração em geração, bem como pelas tradições e saberes. A literatura afro-brasileira e as memórias conectam-se para reivindicar memórias que permaneciam não ditas, mas que passam a salvaguardar ancestrais e suas tradições oriundas da diáspora negra.

#### REFERÊNCIAS

BÂ HAMPÂTÉ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph Ki-Zerbo (org.). **História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 168-212.

BERND, Zilé. **Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

CRUZ, Eliana Alves. **Água de barrela**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

CUNHA, Bruna Fernandes. **Memória e identidade na literatura afro-brasileira: um estudo sobre oboé, de Oswaldo de Camargo**. 2017. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, 2017.

DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

EVARISTO, Conceição. Escrevivências da Afro-Brasilidade: história e memória. Belo Horizonte: **Releitura**, v. 1, n. 23, p. 5-11, 2008. Disponível em: [https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacaomunicipal-de-cultura/2021/revista\\_releitura\\_v23.pdf](https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacaomunicipal-de-cultura/2021/revista_releitura_v23.pdf). Acesso em: 25 nov. 2021.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6160270> Acesso em: 29 nov. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOOKS, bell. **Intelectuais negras**. 1995. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

MARTINS, Leda. **Performances da oralitura**: corpo, lugar de memória. Letras, Santa Maria, n. 26, p. 63-81, 2003.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre racismo e literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. **Kemet, escolas e arcádeas**: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03. 2017. 93 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2017.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

SOUZA, Luciano. **Os colares sagrados da memória:** tradição, axé e identidade no candomblé de matriz africana iorubá. 2019. 235 f. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2019.

*Recebido em: 01-05-2022*

*Aceito em: 26-06-2023*